

Em Águas Claras, moradores ainda esperam infra-estrutura

Marcelo Rocha
Especial para o **Correio**

Enquanto o Governo do Distrito Federal lança um novo bairro de um lado da cidade, de outro há promessas antigas de novos bairros esperando para se tornarem realidade. É o caso de uma boa parte de Águas Claras, cidade-modelo lançada no governo anterior de Joaquim Roriz e que ainda enfrenta sérios problemas de infra-estrutura.

Adriana morava de aluguel no Setor de Oficinas, em Taguatinga Norte. Em março de 1997, soube de uma licitação pública de projeções residenciais na QS 05, em Águas Claras. Lá, poderia construir a casa própria, afugentar o aluguel de vez, viver em paz com a família. Passados dois anos, Adriana confessa que sobram dedos na mão se for contar as noites de sono tranqüilo.

O motivo seria a falta de infra-estrutura na rua onde mora. Segundo ela, os problemas não são poucos. Água encanada existe há menos de um ano. Falta esgoto, iluminação, asfalto nas vias públicas. Mais: falta segurança. O medo dos moradores já rendeu até lenda, a do *homem pelado* — um sujeito que perambulava nu, à noite, pelas redondezas.

A dona de casa Adriana Braz de Paula, 22 anos, não poupa críticas aos órgãos competentes. Dispara em todas as direções: Administração Regional de Taguatinga, Secretaria de Obras do Distrito Federal, Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap). “Ninguém move uma palha.” Adriana mora com o marido, Sirijon Ribeiro Tavares, 27 anos, gerente de vendas, e a filha, Letícia, em um lote na rua 130. O casal paga uma prestação mensal de R\$ 230.

Vizinhos do Taguatinga Esporte Clube (TEC), os moradores da QS 05 sofrem, de fato, com a falta de infra-estrutura. Uma visita da

Acácio Pinheiro



As obras de asfaltamento na área residencial da QS 05 estão paradas

equipe do **Correio** ao local, na manhã de ontem, constatou a inexistência de alguns itens básicos de saneamento (esgoto, por exemplo). E o que é pior: há sinais de desperdício do dinheiro público em obras iniciadas e não concluídas.

INSEGURANÇA

“Não invadimos essa área. Compramos os lotes e pagamos todos os impostos como os demais habitantes do DF”, queixa-se Adriana, reivindicando atenção do Governo do DF. Para a moradora, a falta de vias pavimentadas e os buracos nas poucas que hoje existem estariam afugentando as rondas policiais. Isso contribuiria para tentativas de estupro e arrombamentos a casas.

Para agravar a situação, o TEC está em total abandono há dois anos. Os vizinhos dizem que as dependências do clube são invadidas diariamente por marginais e servem como ponto de negociação de drogas e também para a observação do ritmo de vida dos moradores.

A iluminação precária contribui para aumentar a insegurança dos moradores. Os postes nas ruas foram colocados pela Companhia Energética de Brasília (CEB), mas as luminárias

só existem em algumas vias e “as poucas que estão aí foram conseguidas com sacrifício junto à CEB”, diz o servidor público Jackson Bento Xavier, 31 anos, morador da Rua 121 desde 1997.

Jackson reconhece que no instrumento contratual (Edital nº 3/97) não existe cláusula estipulando que a Terracap deveria dotar o imóvel de infra-estrutura. “Não existe, mas a companhia prometeu que em dois anos a urbanização e o saneamento básico na área estariam concluídos. Além do mais, isso é obrigação do governo”, defende o servidor, que comprou o lote por R\$ 21,5 mil.

Jackson diz estar cansado de ouvir as justificativas dos órgãos públicos. Segundo o servidor, a Secretaria de Obras condicionou, ainda no ano passado, as obras de pavimentação à conclusão das galerias pluviais. “As galerias pluviais estão prontas e o serviço está parado.”

FALTAM RECURSOS

A assessoria de imprensa da Secretaria de Obras explica que os trabalhos foram interrompidos para a revisão dos contratos de execução das obras, que são do governo passado. A Secretaria

justifica a paralisação alegando que precisa complementar recursos para dar continuidade à obra. Pelas previsões da secretaria, isso deve acontecer em um prazo de 15 a 20 dias.

Até lá, a enxurrada das últimas chuvas de verão devem arrastar morro abaixo mais alguns reais dos cofres públicos. Isso porque as máquinas fizeram a terraplanagem e passaram a primeira mão de piche (imprimação), necessária para o capeamento asfáltico, que deve ser feito três ou quatro dias depois. O asfalto não foi colocado.

“Assim que o período de chuvas passar, o asfalto ficará pronto”, garante o administrador regional de Taguatinga, Waldemar da Silva Aguiar. Ele atribui a morosidade das obras de infra-estrutura à lentidão com que a área está sendo ocupada. “Como atrair moradores para cá sem um mínimo de condição de moradia?”, retruca Jackson Xavier.